

DISCURSO DE POSSE NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - 6 DE JUNHO DE 1994

Prof. Neidson Rodrigues

Exmos. componentes da mesa, meus companheiros de trabalho e amigos aqui presentes.

Sabemos do costume: no mais das vezes, um discurso numa solenidade de posse igual a esta é composto de considerações otimistas, de anúncios de propostas novas ou de novas possibilidades. Faz-se um balanço do caminho já percorrido, promete-se continuar o que se considera positivo, incentivar as inovações e ampliar as possibilidades criativas. Anunciam-se um juramento e uma profissão de fé no futuro.

Deve-se igualmente agradecer a confiança daqueles que nos confiaram os novos encargos. Claro que, num processo de escolha democrática, não se deve agradecer pelo cargo, já que este não pertence a seu ocupante. A soberania do cargo pertence à comunidade delegante. Aqui se agradece a confiança dessa comunidade, por depositar, em nossas mãos, a responsabilidade pela condução do processo acadêmico e administrativo: responsabilidade pesada o suficiente para não ser cobiçada, igualmente nobre e digna para não ser exercida sem sobriedade. Por isso agradeço o gesto de confiança e me comprometo a envidar todas as minhas forças para dignificar o cargo e assumir os seus encargos.

Tenho o sentimento de que a Faculdade de Educação, desde que aqui cheguei, em 1978, tem produzido uma sucessão de projetos administrativos diferenciados. E todos eles têm concorrido para assegurar seu dinamismo e desenvolver novas fronteiras. Consolidou-se um dos programas de

Pós-Graduação mais inovadores e produtivos do País. A participação em projetos inovadores, tanto por parte do corpo de professores, quanto por parte dos alunos foi ampliada: desenvolveram-se projetos integrados entre a pesquisa e o ensino, seja através da graduação, da pós-graduação e nas escolas de primeiro e segundo grau; diversificou-se significativamente o envolvimento da Faculdade com a formação e qualificação docente, tanto de seus próprios alunos quanto dos educadores da rede pública do Estado de Minas Gerais.

Igualmente, multiplicou-se a presença de professores e pesquisadores da FAE nos órgãos de gestão do sistema educacional e de Pesquisa no Brasil, como nas Secretarias de Educação, CAPES, CNPq, FINEP. Elevou-se a qualificação docente, mesmo no espaço cheio de incertezas dos últimos anos, provocadas pela enorme perda de experientes educadores; consolidaram-se seus Órgãos complementares como o CECIMIG e o CEALE enquanto centros de referência na pesquisa e no ensino; desenvolveram-se novas linhas de pesquisa. Ainda que a duras penas, estão sendo modernizadas suas infra-estruturas administrativa e acadêmica. E, cada vez mais, parte de nossos professores estão envolvidos em numerosas atividades locais, regionais e nacionais, de assessorias, programas de especialização oferecidos por outros centros de ensino superior, direção da ANPED, etc.

De outro lado, reconhece-se estarmos vivendo o limiar de novos tempos. Perpassa por todos nós um sentimento de esgotamento. Nesses 27 anos de existência da Faculdade cremos que ela organizou

desenvolveu seu papel na formação e habilitação de pedagogos, conforme determina a atual legislação, bem como procurou cumprir sua tarefa de formar os licenciados da Universidade. No entanto, perpassa por todos nós o "sentimento de crise" dos dias atuais, que nos coloca diante de novos desafios.

1. OS DESAFIOS DO PRESENTE

Parecem esgotadas algumas das tradicionais competências acadêmicas da Faculdade, e um sentimento de crise começa a se avultar entre todos nós.

O sentimento de crise é positivo, se não se converter em fator de imobilização. Quando a crise é assumida como instrumento de provocação, podemos convertê-la em força impulsionadora de ação. Em alguns momentos, como nos diz Italo Calvino "o mundo inteiro se parece transformado em pedra, mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, e essa lenta petrificação não poupa nenhum aspecto da vida" (Seis propostas, p.16). O que temos de fazer? talvez como Perseu, que diante do risco de ser petrificado pela Górgona, alça vôo sustentando-se nas nuvens e no vento e decepa a cabeça da Górgona. E do sangue da Górgona brota o cavalo alado, Pégaso. E assim, da pedra nasce o seu contrário. Do peso, a leveza. Do imóvel, a mobilidade. Do risco da morte, a força da vida. Eis uma primeira lição: não transformarmos a crise em imobilidade, em petrificação das vontades e da ação, mas no seu contrário: em força de transformação e de mudança.

Nesse sentido, creio que alguns desafios se colocam com urgência para todos nós. Citarei de relance alguns, já que eles emergem de nossa consciência coletiva, pois estão presentes em todas as nossas reuniões:

a. Delinear os novos objetivos que se colocam para a Faculdade de Educação, e em função deles, definir-lhe uma nova estrutura curricular e administrativa;

b. Induzir, incentivar e incrementar a organização de novos grupos de pesquisa, e articular as que se encontram em andamento, dando-lhes visibilidade;

c. Abrir canais acadêmicos e administrativos para garantir a expansão da atividade de qualificação e requalificação docente, atendendo à enorme demanda do sistema público de ensino;

d. Fazer da Faculdade de Educação uma espécie de ÁGORA de formação acadêmica. Assim como o ÁGORA grego era um espaço da formação da cidadania, enquanto espaço público de discursão e informação, o ÁGORA acadêmico deve ser um espaço de discussão, de produção teórica, de circulação de idéias, de inovação, de risco pedagógico.

Creio que até aqui não há qualquer novidade. E não sei se vocês, meus caros companheiros de trabalho, estão esperando grandes novidades. Não as temos a oferecer. Temos, isto sim, o nosso compromisso de trabalhar juntos: nós todos, ao lado da administração da Universidade e nos espaços da ação política a que a cidadania responsável nos convoca.

Para isto, já estamos colocando um primeiro desafio desta administração cuja urgência em seu encaminhamento nos convida a anunciar nesta oportunidade: os professores e pesquisadores, alunos e funcionários desta Faculdade deverão buscar, a partir deste momento, alternativas para o mínimo de ocupação burocrática e um máximo de ocupação acadêmica. Nossas reuniões colegiadas (Colegiados de Pedagogia, de Licenciatura, da Pós-Graduação, do Centro Pedagógico, dos Departamentos e da Congregação), deverão se ocupar da política a ser desenvolvida e assumida pela Faculdade, deixando as tarefas administrativas e burocráticas para um menor número de participantes, quer nas câmaras departamentais, quer num sistema informatizado de gestão, quer em órgãos menores e mais ágeis para a tomada de decisão administrativa.

Vamos converter nossas reuniões colegiadas em focos de debates e de propostas para reorganizarmos a Faculdade de Educação, abandonando a discussão de que "é necessário mudar", para a discussão do "como" e de "qual direção" queremos seguir.

Para que isso seja possível, faz-se indispensável um reconhecimento conjunto e

cooperativo de nossas ações em andamento. Sabemos, por ouvir dizer, o que cada um faz e produz. Temos notícias, de quando em quando, do volume de nossas pesquisas e atividades. Temos de transformar esse conhecimento num reconhecimento que resulta da convivência. Devemos procurar conviver em nosso cotidiano com o que cada um faz, com o que em cada Departamento se está produzindo, com o que cada segmento da Faculdade desenvolve. Creio que só a partir desse reconhecimento poderemos costurar nossa identidade e o perfil da Faculdade que todos queremos construir.

À margem desse reconhecimento, creio que poderemos criar uma caricatura, mas não uma identidade. Não queremos reformar por reformar, mudar apenas para deslocar, transformar apenas para não sermos acusados de imobilistas.

Deveremos pensar a mudança a partir do que realmente se faz hoje na Faculdade. Identificar para conhecer e conhecer para nos reconhecermos, eis a tarefa primeira que se coloca para todos nós.

Agora eu gostaria de indicar para vocês alguns princípios que gostaria de seguir na condução de minha atuação. Tais princípios eu os fui aprendendo e incorporando ao longo de minha convivência com os educadores. Se somos uma Faculdade de Educação, então aqui é lugar apropriado do aprendizado. E se já se disse que Mestre não é aquele que sempre ensina, mas aquele que de vez em quando aprende, então gostaria de dizer para vocês que o que acima estou colocando resultou do que aprendi no cotidiano destes 15 anos de vida aqui na Universidade, e em especial com os colegas desta Faculdade. Mas igualmente os aprendi com a História da cultura ocidental. São lições aprendidas com os gregos antigos, como Homero, Sófocles e os Filósofos da Grécia clássica; com os modernos como Maquiavel, Descartes, Shakespeare, Goethe, Hegel, Marx; e igualmente com uma dezena de contemporâneos: citá-los seria, no mínimo, uma temeridade em tão curto espaço de tempo.

Essas lições não contêm nenhum projeto de ação administrativa, nem mesmo um plano de trabalho. Correspondem, ou melhor, respondem por princípios que queremos seguir na gestão da Faculdade de Educação. Podem, melhor dizendo,

ser tomadas como fundamentos éticos - enquanto princípios fundadores da ação-, que desejamos tomar como referência no próximo quadriênio. Parafrazeando Italo Calvino, digamos: sete propostas para o próximo quadriênio.

2. ALGUMAS LIÇÕES

Peço permissão e alguma paciência para expor, muito rapidamente, sete lições que tenho aprendido com os antigos e com os modernos. Confesso que tentarei trazê-las para nosso trabalho cotidiano. As lições são:

1. SENSO DE MEDIDA
2. OS LIMITES DA RAZÃO
3. PERSISTÊNCIA
4. UTILIDADE (DO SABER)
5. A IMPORTÂNCIA DO PASSADO
(aprender com a História)
6. A LINHA RETA
7. O LUGAR DE DIONISO

Façamos um rápido sobrevôo sobre cada um destes pontos.

1. SENSO DE MEDIDA

Os gregos não admitiam a pretensão desmedida, que ocorre quando o homem ultrapassa o METRON, a própria medida.

Se, de um lado, Sócrates insiste em que a possibilidade de saber é infinita, por outro lado, sabe que sua concretização é finita, já que o domínio das idéias perfeitas só é possível aos deuses. Logo, o saber humano, mesmo postulando a perfeição, deve reconhecer os seus limites. Por isso, pode conhecer intelectualmente a perfeição, e buscar imitá-la mas não alcançá-la.

É a mesma lição reforçada por Descartes, quando diz que a vontade é infinita, mas a razão finita.

Este ensino no-lo reproduz Shakespeare, através da tragédia do REI LEAR. Por ultrapassar seu senso de medida, acredita o infeliz Rei LEAR poder determinar os parâmetros do saber das intimidades. Revela uma fé absoluta na palavra. Julga poder conhecer o ÍNTIMO, a vontade escondida, a

essência dos desejos apenas por meio do discurso do outro. Esquece, como tantos ao longo da história, que, com muita frequência, os homens não são governados de modo absoluto pela razão, mas pelo coração. Por isso não ouve o Rei a lição que sua filha insiste em lhe anunciar: "eu não tenho o CORAÇÃO NA LÍNGUA". Logo, não se pode confiar cegamente na palavra, como se ela expressasse a totalidade das intenções. É necessário medir, e com boa medida, a possibilidade de expressar a verdade.

Logo, temos de nos exercitar para não termos o coração na língua, nem apostar que outros não o têm.

Por se esquecer dessa lição, LEAR perdeu a chance de conhecer seu povo e a verdade sobre suas próprias filhas, desvendando-lhes o íntimo e as necessidades, e visitando-os despido da auréola do poder, mas sem deixar o poder. Só reconhece o seu erro quando, se identifica com os miseráveis do reino, mas aí já havia perdido o trono. Nesse momento, ele detém o saber, mas o saber que agora tem revela-se inútil. Conhece agora a verdade, mas não mais tem poder para influir na ordem das coisas.

Devemos, pois, ter a humildade de conhecer a realidade, mas enquanto ainda temos o poder de sobre ela interferir; senão, o saber será inútil.

Esse SENSO DE MEDIDA que mede nosso próprio poder de conhecer e agir é o mesmo que Descartes chamava de Bom Senso, que para ele "é a coisa mais bem repartida do mundo". Só que acrescenta de modo um tanto cinico: "é a coisa mais bem repartida, já que mesmo os que não possuem nenhum, não se julgam dele faltos". Boa advertência. Necessitamos exercitar diariamente a consciência de nossos limites para não ultrapassarmos a medida, sem o que estaremos mais próximos da perdição do que da ação justa.

Dessa consciência decorre necessariamente o segundo princípio, ou a segunda lição: a utilidade do saber.

2. A UTILIDADE DO SABER

Aqui a lição nos vem de Sófocles, na reprodução trágica do belo texto conhecido por nós como "ÉDIPO-REI".

Debatendo-se na busca dos causadores dos novos males que assolam a cidade sob sua proteção real, a cidade de TEBAS, Édipo - o sábio que, pela sua sabedoria, já havia libertado uma vez TEBAS do jugo da Esfinge -, sente-se incapaz de decifrar esse novo enigma. Logo, envia consulta a Apolo, e convoca, por conselho dos sábios, o cego, Tirésias, conhecido como profeta de FEBO. E ao interrogar Tirésias, Édipo lhe lança um desafio que ecoa até a contemporaneidade: diz ele: Tirésias, de ti depende a nossa salvação; "não há tarefa mais gloriosa para um homem do que pôr a sua ciência e o seu poder ao serviço dos outros homens".

É o mesmo que perguntar: de que vale um saber se ele não for útil aos outros homens? De que utilidade nos fala Édipo? Não da utilidade que transforma homens em escravos de outros homens, mas sim o contrário: a utilidade da libertação. Estavam os Tebanos prisioneiros da Esfinge e Édipo os libertara pela força do seu saber ao decifrar o enigma. Agora, estão novamente os Tebanos sofrendo a miséria provocada pela deterioração dos costumes, pelo esgarçamento da justiça, pela violação das leis, pela permanência da ignorância, pela corrupção do poder. O que deve fazer aquele que detém algum saber? "Colocá-lo a serviço dos outros homens", isto é, torná-lo útil para desvendar o mistério, resgatar a justiça, espalhar a verdade, extirpar o poder corrupto.

A pergunta ressoa para nós hoje: de que vale uma Faculdade de Educação - nossas pesquisas, nosso saber, a produção da ciência na Universidade - se sua fonte e seu produto não puderem ser colocados a serviço dos nossos concidadãos?

Essa breve lição nos conduz imediatamente a outra lição: se são possíveis o saber e a ciência, devemos, no entanto, reconhecer os limites da razão.

3. CRÍTICA E AUTO-CRÍTICA

No pórtico do Templo de Apolo, em Delfos, havia uma inscrição que se tornou ponto de partida para o conhecimento, segundo Sócrates: Conhece-te a ti mesmo.

O SABER humano não é absoluto, muito menos linear. É um campo de incertezas, de

imprecisas precisões, um movimento entre a verdade e a vontade. Pode produzir o bem e o mal, o positivo e o negativo, o desejável e o seu contrário. O conhecimento nos torna mais sábios, não porque nos assegura verdades infalíveis, mas porque nos assegura que estamos sempre em risco. Por isso, devemos estar atentos para o "senso de medida", e o reconhecimento dos limites da razão. Isso não invalida a competência da razão: apenas nos acena para o caminhar cuidadoso, para colocar em suspensão o que se toma como verdade final, para não transformar as possibilidades da razão em fé religiosa.

Isso nos permite evitar os laços de um NOVO COMPLEXO DE ÉDIPO: julgar-se infalível. Eis o COMPLEXO EDIPIANO em que nos mergulhamos, se a consciência da razão não estiver equipada com a crítica da própria razão. Se Édipo libertou Tebas lançando mão de seu saber ao decifrar o Enigma da Esfínges, o mesmo Édipo condenou Tebas a novas maldições ao erigir seu saber em absoluto e não desconfiar que desconhecia a si mesmo.

Quando conheceu a verdade que um dia tinha se proposto encontrar, mas cujo objetivo ele abandonara ao longo de seu trajeto entre Corinto e Tebas, o conhecimento se lhe revelou inútil. É por isso que Tirésias treme ao lhe anunciar: "como é terrível saber, quando o saber é inútil". A ignorância de Édipo sobre si mesmo converteu-se em mortalha de sua própria ciência e em causa de sua própria perdição. E Édipo, o sábio, se transformou em vítima de sua própria ignorância.

Assim como o Rei Lear, que só conhece a verdade quando a verdade não lhe pode mais ser útil, nem a seus súditos, Édipo só se descobre a si mesmo quando esse saber se tornara incapaz de resgatar os desvios de seu caminho.

Por isso, a advertência continua a valer para nossas ações contemporâneas, e para conduzir a ação daqueles que assumem a tarefa da condução de homens e de instituições: o reconhecimento da razão, a consciência do saber, a produção da ciência não devem ser conduzidas por princípios de fé absoluta na verdade possuída, mas na eterna desconfiança de seus limites. Logo, devemos nos cercar da crítica e da auto-crítica. Ouvir os companheiros de jornada, convocar os sábios,

investigar a história, não proferir juízos finais, não descansar como quem usufrui de conquistas provisórias, eis algumas lições que podemos aprender com os antigos. Julgar a conquista provisória como definitiva, eis o erro comum do não sábio, já que ele corre o risco de cair no pecado da imprudência. E a imprudência é negação de sabedoria. Por isso, Homero, ao cantar o justo e sábio Ulisses, invoca a musa a inspirá-lo no canto daquele homem valente que, pela sua PRUDÊNCIA, havia conseguido atingir seu objetivo: o retorno a ÍTACA. É isso que nos aponta a quarta lição.

4. HERANÇA HISTÓRICA E EXPERIÊNCIA

Ainda entre os gregos, gostaria de buscar novas lições. Para isso chamaria aqui o testemunho de Homero no seu fantástico poema denominado ODISSÉIA. Lá, encontramos o ensino de Ulisses: aprender com os deuses (os sábios que estão para além da História), e aprender com a experiência daqueles que já cruzaram os mesmos caminhos antes de nós. Ulisses, na incerteza do caminho que deve seguir e desconhecendo os perigos pelos quais ainda havia de passar, consulta a deusa Circe para que ela o instrua sobre o modo de proceder no futuro. O que a deusa lhe revela? Que ela pode ensinar-lhe porque conhece o passado: ela sabia o que ocorrera com todos os imprudentes que tentaram atravessar a ilha das sereias sem levar em conta o que havia sucedido no passado e o que poderia acontecer no futuro com tal tipo de imprudência.

Mas a deusa lhe insinua igualmente consultar os mortos: VAI ATÉ AS PORTAS DO HADES E CONSULTE OS ESPIRITOS DOS MORTOS, adverte a deusa: DE TODOS OS MORTOS? De forma nenhuma. Não há qualquer vantagem em julgar que apenas por ter deixado o mundo dos vivos, o ignorante se converta em sábio. Não, adverte a deusa. Na porta do Hades, Ulisses poderia receber o espírito de muitos mortos, mas deveria prestar atenção apenas a um deles: o daquele que fora sábio em vida, TIRÉSIAS. Se este fora SÁBIO em vida, continua sábio depois de morto.

Eis os mortos que devem ser consultados cotidianamente: os que foram SÁBIOS em vida. Quantos nos precederam e foram sábios em vida. Estes continuam a nos ensinar, e devemos voltar

nossos olhares interrogantes a eles. E o registro de sua sabedoria se encontra nas portas do moderno HADES: AS BIBLIOTECAS. Devem elas, portanto, ser o lugar para onde devemos nos dirigir cotidianamente, para aprender com os que foram sábios antes de nós e que deixaram traços de sua sabedoria aí registrados. Não devemos temê-los, mas respeitá-los. Locupletemos nossas bibliotecas de sábios do passado, e ao lado da experiência dos que já percorreram os mesmos caminhos, solidifiquemos nossa determinação.

E ainda, para não fugirmos dos antigos, uma nova lição: a determinação, a persistência.

5. PERSISTÊNCIA

Igualmente os gregos consideram como falta de sabedoria o espírito volúvel, frágil, errante, indeciso.

Quando lemos a Odisséia, descobrimos que a Prudência permitiu a Ulisses não ultrapassar sua própria medida, e a PERSISTÊNCIA garantiu que nenhuma dificuldade o impedisse de realizar seu objetivo: retornar a Ítaca.

Essa constatação aponta novamente o pecado de ÉDIPO e de todos os que o cercam: todos, seus pais, servos de seus pais, os pais adotivos e principalmente o próprio ÉDIPO, todos, durante todo o tempo, revelam total falta de persistência na perseguição dos objetivos inicialmente propostos. Demonstram, desse modo, fraqueza de caráter e falta de convicção: os pais, se queriam evitar o cumprimento do veredito do destino, teriam de matar o próprio filho quando de seu nascimento. Decidem tomar essa iniciativa e não a cumprem: fogem do que julgam seu dever e encarregam um outro de fazer por eles o que era seu dever.

Mas o processo continua: quem foi encarregado de cumprir essa indesejada tarefa cumpriu o seu dever? Igualmente não. E curiosamente, os pais de Édipo, a partir desse instante, tentam esquecer a tarefa atribuída a seu servo: nunca lhe perguntaram nem lhe cobraram o cumprimento da tarefa.

Tendo sido enviado para ser criado entre pais adotivos, estes, por sua vez, fugiram de seu dever

de revelar a Édipo sua origem. Tendo sido alertado mais tarde do que lhe estava destinado, Édipo toma uma decisão. Resolve conferir pessoalmente a verdade sobre si mesmo. Cumpre sua determinação? Igualmente não. Desvia-se do caminho que havia traçado para si, e ao encontrar um viajante que lhe atravessara o caminho, deixa seu coração decidir por sua razão e o mata sem se interrogar se não estaria cumprindo o que fora predito. Revela o enigma da Esfinge, e assume o papel de salvador de Tebas, uma cidade estranha para ele. Escolhido Rei por decisão do povo, casa-se com a viúva do Rei morto, antes de interrogar-se se não era ela sua própria mãe. E o povo de TEBAS celebra seu libertador, antes de conhecer a origem de seu novo Rei. Decide estribado na ingorância e na imprudência.

Podemos, assim, notar que todos fugiram da responsabilidade e do dever, todos julgavam, antes de saber, que a casualidade já teria concorrido para eliminar os ditames do destino. Por isso, todos são punidos, pela falta de persistência, pelo desejo de viver na ignorância, na esperança de que a ignorância pudesse desculpar o erro.

Isso ainda nos conduz a alguma outra lição? Creio que sim. E esta tenho aprendido com a Geometria Plana: a menor distância entre dois pontos é uma linha reta. Eis a sexta lição.

6. RETIDÃO

Ora, os pontos por onde podem ser traçadas linhas retas são infinitos, e, por isso, as possibilidades de se traçarem linhas retas igualmente o são. Como escolher? Aqui SAUSSURE, um moderno, nos socorre: "o ponto de vista", diz, "cria o objeto". Logo, é necessário determinar o ponto de onde partimos. E divisar o ponto desejado. E entre o ponto em que estamos, e o que desejamos, a menor distância é uma linha reta. E aqui podemos enlaçar num só propósito a geometria, a lingüística, e a política.

Por que o podemos? Porque no racionalismo científico da civilização ocidental, o princípio da construção da linha reta escapa do plano da geometria e se converte no fundamento dos valores ocidentais: fala-se na RETIDÃO DO CARÁTER; no Homem Reto como aquele que apresenta

comportamento íntegro, aquele que, como dizia Euclides da Cunha, com "invejável retitude esforça-se por satisfazer seus compromissos"; numa conduta CORRETA como a conduta irrepreensível; na linguagem, o "termo é correto" se for apropriado, adequado, sem rasura. Não seria do mesmo paradigma a noção de progresso que sempre indica uma linha em ascensão?

Do mesmo modo, passando do plano ético para o plano gerencial ou administrativo, as concepções de rapidez nas decisões, decisões corretas, produtividade, relação tempo-movimento, economia de escala, qualidade total, linha de produção, necessidade de se evitar decisões paralelas que são aquelas em que ao mesmo tempo se tenta caminhar por duas retas eqüidistantes dos mesmos pontos, revelam-nos como a concepção de linha reta está presente em nossa cultura.

Maquiavel também nos provoca: qual a melhor postura do príncipe junto com seus generais? Interrogar a todo momento. Diz Maquiavel: o príncipe deve a todo o momento, mesmo em suas horas de lazer, estar ocupado com sua principal tarefa: FAZER A GUERRA. Mas a decisão sobre a melhor estratégia não é solitária, nem circunstancial. Deve aprender a todo momento: qual o melhor caminho? qual a melhor estratégia? Logo, deve estar aberto a todas as possibilidades, e optar pelo mais correto caminho.

Não se pode temer a decisão do caminho escolhido corretamente. Ele evidencia: firmeza, persistência, prudência, decisão, retidão. A linha reta nos conduz pelo menor caminho, e isso não significa o melhor entre todos os possíveis, mas o melhor entre o que escolhemos como o possível ou o necessário.

Devemos clarear o que desejamos a partir do ponto em que estamos, para optar pelo melhor, e perseguirmos o menor caminho.

E por último a mais leve de todas as lições: entronizar DIONISO no templo de APOLO, ou melhor, a alegria no templo do saber.

7 - UNIÃO ENTRE APOLO E DIONISO

É bastante curioso o fato de que é no Templo de Apolo, deus da luz e da sabedoria, que é entronizado, uma vez por ano, seu meio-irmão DIONISO, deus do vinho e das emoções. O trabalho intelectual não pode ser considerado apenas peso e cansaço. A sociedade capitalista moderna tende a considerar que só é trabalho o que produz enfado. E tende a transportar para o universo intelectual e cultural o que se considera como premissa da produção da riqueza, e eleger a acumulação da riqueza como fim de toda a humanidade.

Há igualmente os que negam a produção da riqueza e dos processos civilizatórios, e querem centrar todo o fim da vida na dispersão da vida, na alegria, no universo dionisíaco.

Há aqueles que acreditam que só vale a vida se for a que resulta de uma total racionalização. Enfim se "tudo o que é real é racional, tudo o que é racional é real", tudo tem de se justificar pela porta da razão.

Ora, por que não unirmos os três objetivos? Há que se produzir e gozar do processo civilizatório; e há que valorizar o que há de mais precioso entre os bens humanos: a racionalidade. Mas não se deve esquecer dos folguedos da existência, e da alegria de podermos criar um mundo novo que não seja apenas o da riqueza ou da razão absolutas: Por que não unirmos a iniciativa divina do trabalho (a criação do mundo material), os trabalhos de PROMETEU (dando aos homens o fogo sagrado da razão), e as alegrias de DIONISO que, amante das artes, do belo, da alegria e do vinho, nos permitam igualmente a plena realização do humano?

Eis um desafio para a Faculdade de Educação: educar o homem para a produção dos bens materiais, para o cultivo da espiritualidade e da luz da razão apolínic, e para o gozo da alegria festiva e irresponsável de Dioniso.

A universidade não precisa se limitar a pensar o homem produtivo, enquanto produção material; não reduzi-lo igualmente à produção científica formal;

deve ensinar que também produzimos o mundo de nosso prazer: ser um lugar por onde circulam as artes: a música, a pintura, o teatro, o cinema, a literatura, a poesia, a conversa. E que tais espaços nos possam embriagar e liberar nossas emoções: isso também é humano.muito humano.

Por isso, agora, só nos resta o convite. Passarmos deste espaço dominado por Apolo, deus da luz e da sabedoria, para o espaço de Dionísio, deus da festa, da dança, da alegria e da confraternização.

Muito Obrigado.

Belo Horizonte, 6 de junho de 1994